

GEOGRAFIAS IMAGINÁRIAS ESPAÇO E AVENTURA NO *AMADIS DE GAULA*¹

Graça Videira Lopes (FCSH-UNL)

Falar de ficção medieval é obrigatoriamente falar de romances de cavalaria. As aventuras de cavaleiros em demanda de fama e de justiça fazem parte integrante do imaginário medieval, sobrevivendo, aliás, muito para além da sociedade que lhes deu matéria e justificação contextual. Os romances de cavalaria são, ao mesmo tempo, um dos géneros literários que menos modificações sofre na sua difusão europeia, constituindo, sem dúvida, um dos grandes modelos unificadores da mentalidade medieval do Ocidente. O processo da sua própria constituição como género é disso um indício, já que, paralelamente aos textos fundadores (cujas origens são, em geral, relativamente obscuras) – textos esses que podemos agrupar em três grandes ciclos, o bretão, o carolíngio e o clássico – paralelamente a eles, pois, são numerosas, por toda a Europa, quer as versões, mais ou menos alteradas, desses textos fundadores, quer os romances com heróis autónomos, ainda que fortemente ligados ao ciclo a que pertencem. As fronteiras europeias não parecem, pois, influir grandemente na difusão e celebridade destas narrativas.

A Península Ibérica conheceu também o seu romance de cavalaria: *Amadis de Gaula*, romance datado provavelmente de finais do século XIII/inícios do século XIV, e pertencente ao ciclo bretão ou arturiano (o universo cujas personagens mais célebres são o rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda). Inserindo-se, pois, nesta fecunda tradição literária medieval, *Amadis* é, no entanto, uma criação original, que ultrapassou largamente, aliás, as fronteiras da Península Ibérica e se transformou num dos mais célebres romances de cavalaria em circulação na Europa até, pelo menos, ao século XVII (com traduções quinhentistas nomeadamente para francês, inglês, italiano, alemão, holandês e hebraico). No espaço ibérico, as 19 edições castelhanas da obra, apenas no período que medeia entre a primeira edição impressa conhecida, 1508, e 1586, poderão exemplificar o seu enorme êxito. A sua fecundidade, em termos de obras directamente nele inspiradas, é imensa,

¹ Artigo revisto, publicado originalmente em *Imagens do mundo na Idade Média. Actas do colóquio*, organizadas por Helder Godinho, Lisboa, ICALP, 1992, pgs. 207-213.

desde as inúmeras sequelas quinhentistas (narrativas das aventuras de netos, bisnetos, tetranetos, familiares e companheiros de Amadis) até aos grandes textos, como a *Tragicomédia de Amadis de Gaula*, de Gil Vicente ou mesmo, no registo paródico da despedida, *D. Quixote de la Mancha* de Cervantes (que o abre, aliás, com um conjunto de poemas “da autoria” das principais personagens do Amadis, dedicados a D. Quixote, o novo “herói” cavaleiresco – poemas esses que algumas edições da obra de Cervantes pura e simplesmente ignoram, diga-se). Do ponto de vista cultural, a influência de Amadis é igualmente enorme, estendendo-se mesmo a zonas inesperadas, como é o caso do nome dado à Califórnia (directamente retirado do seu livro V).

Se a primeira edição impressa conhecida de *Amadis de Gaula* data, como se disse, de 1508, a criação do romance é, no entanto, muito anterior. Terá sido, pois, em finais de Trezentos que o romance original foi escrito, e dele circularam certamente variadas cópias manuscritas, das quais, infelizmente, nenhuma chegou até nós. Abundam, no entanto, os testemunhos da celebridade e difusão da obra desde o final do século XIV e ao longo de todo o século XV (de referências cronísticas à onomástica, incluindo um cão chamado Amadis em 1387). É exactamente em meados do século XV que o castelhano Garcí Rodríguez de Montalvo, cavaleiro de Medina del Campo, decide elaborar uma refundição “corrigida” “*dos antigos originais que estavam corruptos e mal compostos em antigo estilo, por falta dos diferentes e maus escritores*”, como ele próprio afirma no final do seu Prólogo, versão a que acrescenta um novo livro, *As Sergas de Esplandião* (filho de Amadis). A única versão que temos actualmente do *Amadis* (pelo menos no estado actual das investigações) é, pois, esta versão castelhana, corrigida e acrescentada, de Montalvo, elaborada muito provavelmente por volta da década de 1480.

Não irei aqui deter-me na longa e nunca resolvida polémica das nacionalidades que tem oposto portugueses e castelhanos na reivindicação da paternidade nacional do romance. O certo é que, para além da todos os problemas que se colocam em torno do seu autor e da sua língua primitiva, *Amadis de Gaula* é, efectivamente, o romance medieval ibérico por excelência. A questão da nacionalidade do texto original é, pois, a este nível, relativamente ociosa. Para além do que, pertencendo *Amadis* ao ciclo bretão, a sua matéria é a transnacional matéria da Bretanha, sem qualquer ligação explícita às sociedades especificamente portuguesa ou castelhana.

Mas o que interessa talvez sublinhar é a questão da relativa autonomia que o romance de Amadis possui em relação ao seu modelo, que é a *Demanda do Santo Graal*. Com efeito, e como diz Rodrigues Lapa², na sua transplantação peninsular, a matéria de Bretanha parece perder em sentido místico-religioso o que ganha em “realismo”, patente, sobretudo, no “*forte e higiénico sensualismo de alguns episódios*”. Procurando a justiça, Amadis é também um herói apaixonado, humanamente apaixonado pela sua dama Oriana. Na novela peninsular os sentimentos são simples (o amor é “o mortal desejo” de que fala o texto), as circunstâncias é que o tornam complicado (originando, ao mesmo tempo, grande parte das aventuras do livro).

Devia-nos *Amadis*, tão referido mas tão pouco estudado, esta breve introdução. O meu propósito é, no entanto, outro: o de analisar até que ponto o mundo ficcional de *Amadis* acompanha, de perto, a imagem que o homem medieval tinha do mundo e nomeadamente da sua geografia.

Para Bakhtine³ a relação espaço-temporal no romance de cavalaria (o que ele designa como o seu *cronotopos*) pode definir-se como “o mundo das maravilhas no tempo da aventura”. É este mundo maravilhoso (mundo onde a maravilha é uma constante) que os heróis percorrem em busca de façanhas que os glorifiquem, a eles e às suas damas e suseranos. É exactamente esta procura voluntária da aventura glorificadora que, segundo Bakhtine, distingue o romance de cavalaria do simples romance de aventuras, aproximando-o da epopeia. O papel eminentemente nacional e muitas vezes fundador da narrativa épica está, no entanto, ainda segundo Bakhtine, ausente do romance de cavalaria, pertencendo antes os seus heróis “ao tesouro das figuras internacionais”:

Enfim, o herói e o mundo maravilhoso no qual ele age são feitos de um só bloco, não há fissura entre eles. Este mundo, na verdade, não é uma pátria nacional, é apenas estrangeiro (sem que este carácter seja acentuado); o herói passa de país em país, confronta-se com diversos suseranos, navega nos mares, mas em todo o lado o seu mundo é « um », sempre pleno de uma mesma nomeada, de uma mesma concepção dos altos feitos e da desonra, e o herói pode tornar-se ilustre ele-mesmo e glorificar os outros, em qualquer lugar; em todo o lado são

² Prefácio a *Amadis de Gaula*, textos escolhidos, Lisboa, Seara Nova, 6ª edição, 1973.

*aclamados os mesmos nomes célebres. Neste mundo, o herói está « em sua casa »
(mas não na sua pátria).*

Todos os romances de cavalaria parecem desenvolver-se, genericamente, segundo estes princípios. No entanto, o carácter apátrida dos seus heróis de que fala Baktine merece alguma atenção. De facto, e ainda que aparentemente secundária, deve notar-se que todos os heróis dos romances de cavalaria têm uma pátria – no que diferem das narrativas maravilhosas do “era uma vez, num país distante” –, um lugar de origem perfeitamente reconhecível pelo leitor e correspondendo, nos três ciclos, a lugares centrais da cristandade: Inglaterra (Grande e Pequena Bretanha, na época politicamente unidas), França e Roma. É também um facto que, misturados com estas referências a uma geografia real, nos surgem constantemente lugares imaginários, dotados das mesmas características de verosimilhança. Mas deve sublinhar-se que o espaço do romance de cavalaria está ancorado não só num mundo reconhecível pelos seus leitores, mas num mundo que corresponde, em grande medida, à imagem possível que o leitor medieval tinha desse mundo. Vejamos o caso concreto de *Amadis de Gaula*.

Amadis de Gaula leva no seu nome a sua origem paterna – filho de Periom, rei da Gaula, nome, é certo, não muito claro e que poderá corresponder tanto a Wales, Gales, como a um semi-mítico reino de Gaula, que a Idade Média situava na Pequena Bretanha. Seja como for, a referência é real. Do lado materno, as suas origens geográficas são próximas: nascido na Pequena Bretanha, dos amores ilícitos deste rei Periom com Elisena, filha do rei bretão. A infância passa-a na Escócia, ao fim de algumas peripécias geográficas resultantes deste nascimento pouco regular. O seu suserano, senhor de toda a vida, e pai da sua dama Oriana, é Lisuarte, rei da Grã-Bretanha, cuja corte está situada em Londres (e que é igualmente genro do rei da Dinamarca). Está delimitado o espaço preferencial de *Amadis*, espaço de origem das suas principais personagens, espaço de onde elas partem e aonde inevitavelmente regressam. Gales, Pequena e Grande Bretanha, Escócia, Dinamarca: eis-nos perante o que pode ser considerado uma ficção geograficamente verosímil. O canal da Mancha é, com efeito, na época, não uma fronteira mas um canal de ligação, intensamente cruzado, entre terras política e culturalmente próximas. A ficção sublinha essa proximidade, ao mesmo tempo que retoma os conflitos político-familiares que ela não deixa

³ *Esthétique et théorie du roman*, Paris, Gallimard, 1979, pp. 298-302.

historicamente de gerar (nomeadamente os que, durante séculos, opuseram França e Inglaterra e que, nalguns episódios do livro, são centrais⁴).

A este universo do norte da Europa juntam-se mais algumas referências histórico-geográficas igualmente verosímeis: a que diz respeito à luta com os irlandeses, também central, sobretudo nos dois primeiros livros (e na qual Amadis se notabiliza, nomeadamente derrotando o rei gigante da Irlanda), e a que diz respeito aos dois aliados do rei Lisuarte, os reis da Suécia e da Noruega. Na sua busca de aventuras, aliás, Amadis, ultrapassando os limites geográficos do seu mundo original, desce igualmente à Europa central, num percurso de que fazem parte, nomeadamente, a Alemanha e a Boémia, e atinge mesmo Constantinopla onde se fixa por algum tempo (sob o nome de Cavaleiro Grego). Deslocando-se, em seguida, demoradamente pelo Sul da Europa, grande parte da narrativa centra-se, por outro lado, na pretensão do imperador de Roma à mão de Oriana. Sublinhe-se ainda este dado perfeitamente verosímil na geografia política da época (constituindo, ao mesmo tempo, uma interferência do ciclo clássico no romance). O conflito vem, aliás, a ser sanado pela intervenção do poder religioso, como tantas vezes sucede na época, aqui na figura do ermitão Nasciano, que serve de intermediário final.

O mundo do romance de Amadis é, como se pode ver neste pequeno resumo, a Europa medieval, cuja geografia espacial e política retoma (ainda que, politicamente, esta geografia seja anterior à data provável do romance, finais do século XIII, e corresponda melhor aos séculos XI e XII, data da fixação da matéria de Bretanha). Seja como for, os percursos do herói são percursos historicamente verosímeis e muitas vezes atestados no exterior da ficção.

O que acabámos de ver não significa, no entanto, que a esta verosimilhança geográfica corresponda uma concretização narrativa que produza um acentuado efeito de real. Como diz Bakhtine, este mundo é, no romance, “assaz abstracto”. A este espaço europeu diversificado que o herói percorre não corresponde, de facto, nenhuma espécie de diversificação narrativa ou descritiva. Retomando ainda Bakhtine, por onde quer que o herói passe “em todo o lado o mundo é “um”. O interesse pela paisagem e pelos costumes, pela “cor local”, é estranho a este universo narrativo. Na verdade, a paisagem da aventura é sempre esquematicamente descrita: uma floresta, um castelo, uma ponte. Da Grã-Bretanha

⁴ Mas não só: recorde-se, a título de exemplo, que também a infanta portuguesa D. Leonor, filha de Afonso II

à Boémia ou a Constantinopla as variações praticamente não existem. O processo é, aliás, extensivo a todas as descrições, continuamente desviadas para um plano geral. Repare-se, por exemplo, já no final do romance, na forma como se relata o encontro decisivo entre os principais protagonistas (Amadis, Lisuarte, Periom, o imperador de Roma e seus respectivos cavaleiros e damas): *“Os vestidos que sobre si e sobre os palafréns levavam não bastaria memória para os contar nem mãos para o escrever. Só vos digo que nem antes nem depois se soube alguém que jamais tivesse havido no mundo companhia de tantos cavaleiros de tão alta linhagem e de tanto esforço e de tantas senhoras, rainhas, infantas e outras de alto estado tão formosas e tão bem ataviadas”*(Livro IV, cap. 123) O leitor que procure aqui qualquer tipo de informação concreta ficará certamente desiludido.

Em relação ao espaço físico da aventura, o processo é semelhante na contenção, como pode ver-se nestes exemplos avulsos: *“E metendo a espada na bainha, foi-se a um arvoredo, onde estava uma donzela mui formosa”*; *“No caminho encontrou a donzela que andava com o amigo de Urganda, chorando junto a uma fonte”*; *“De manhã tornou ao caminho por onde o guiava o anão e andou até à hora de terça; aí lhe mostrou o anão num formoso vale, dois pinheiros altos e debaixo deles um cavaleiro todo armado sobre um grande cavalo (...). Debaixo de outro pinheiro estava outro cavaleiro apoiado no elmo”*. Central na narrativa, o local onde *“foi feita dona a mais formosa donzela do mundo”*, o local onde Oriana se entrega a Amadis, é igualmente descrito de uma forma muito genérica: *“Assim andaram três léguas até que entraram num bosque muito cerrado, distante cousa de légua de uma vila (...). E desviando-se do caminho guiaram para o vale, onde acharam um pequeno arroio de água e de erva verde muito fresca”* (Livro I, cap. 35). De passagem note-se que esta paisagem tão abstracta quanto banal é, no entanto, atravessada por anotações realistas de comportamentos, nomeadamente aqui na referência ao *“déjeuner sur l’ herbre”* final dos heróis, muito prosaicamente esfomeados: *“Assim estiveram naqueles actos amorosos(...) até que o estorvo da vinda de Gandalim fez levantar Amadis. Chamada a donzela, deram boa ordem para lhes aviarem de comer, que bem o precisavam. E ainda que ali faltaram os muitos servidores e as baixelas de ouro e prata, nem por isso aquela comida sobre a erva deixou de lhes dar doce e grande prazer”*.

Seja como for, é exactamente este carácter abstracto do espaço, numa geografia real

e reconhecível pelo leitor como verosímil, que permite que, paralelamente a esta Europa real de que antes falámos, se desenvolva toda uma geografia imprecisa ou imaginária, cujo o peso na ficção é idêntico na verosimilhança com que se apresenta. De facto, ao lado das referências reais anteriormente citadas, *Amadis de Gaula* inclui inúmeras outras referências geográficas que não figuram em nenhuma geografia: castelos (o castelo de *Valderim*, residência de Arcaus, o Encantador, onde está presa Grindalaia, amiga do rei Arbam de *Norgales* - ainda que neste último caso a referência possa ter ressonâncias geográficas reais (Norwales); o castelo de Torim, colocado em terras de *Sobradissa*); florestas, como a de *Angaduça*; ilhas, como a ilha de *Mongaça*, as ilhas da *Romania* ou a *Ilha do Diabo* e, sobretudo, a *Ínsua Firme*, terra encantada que Amadis conquista e liberta e da qual se torna senhor. Os exemplos poderiam multiplicar-se.

Esta geografia imaginativa pode, aliás, dividir-se em dois grandes grupos. De um lado, os lugares cujos nomes são mais ou menos evidentes deturpações ou traduções livres de nomes reais da época, como o já citado *Norgales*, o também já citado castelo de Torim, colocado em terras de *Sobradissa* ou mesmo um certo mosteiro de Lubaina, onde o rei Lisuarte reúne cortes. Muitos dos estranhos nomes de *Amadis* (e não apenas os geográficos) podem ter aqui a sua origem, correspondendo deste modo mais a uma geografia adaptada e imprecisa do que totalmente imaginária. Será este o caso também das numerosas ilhas referidas no romance – ilhas que, como se sabe, a Idade Média multiplicou nos seus mapas, e que integram, portanto, uma geografia que se acreditava real. Do outro lado estão os lugares decididamente imaginários, cujos nomes têm um peso simbólico dominante: é o caso da *Ínsua Firme* referida, domínio de Amadis; da *Penha Pobre*, lugar onde o herói se retira do mundo, num complicado momento da sua relação com Oriana, ou ainda do castelo de *Miraflores* lugar privilegiado dos amores de Amadis e Oriana (e que, muito claramente, retoma uma designação do romance de Artur). Entre a geografia real e esta geografia mais ou menos imprecisa ou imaginária não há nenhuma distinção no romance. Ambas se sucedem e se cruzam sem descontinuidades. O herói vai de Londres às Terras de *Sobradissa*, da *Ínsua Firme* à Alemanha ou à *Ilha do Diabo*. E é exactamente neste alargamento das fronteiras do mundo que reside parte do maravilhoso dos romances de cavalaria, cujo efeito chega aos nossos dias.

No entanto, por estranhos e infantis que pareçam estes percursos ao leitor

contemporâneo, o certo é que, para o leitor ou ouvinte medieval, as coisas se passariam certamente de forma diferente. Em primeiro lugar porque, num mundo onde as distâncias, mesmo na Europa, se contavam por semanas e meses de viagem, a estranheza do longínquo era certamente um dado habitual. Para grande parte desses leitores ou ouvintes, a Suécia ou a Boémia teriam, na verdade, a mesma “realidade” de Valderim, Norgales ou Sobradissa. Por outro lado, e é isso sobretudo que interessa aqui sublinhar, convém notar que esta imagem geográfica do mundo não é exclusiva da ficção romanesca. Pelo contrário, a ficção limita-se, em grande medida, a retomar a própria literatura geográfica medieval, tal como a podemos conhecer através das numerosas *Imago mundi*, compiladas nos XII e XIII. Geografias imprecisas e em grande parte imaginárias, onde o maravilhoso e o estranho preenchem normalmente o lugar do desconhecido, e que só as grandes viagens de navegação dos séculos XV e XVI permitirão questionar.

O espaço geográfico, tal como nos aparece no *Amadis de Gaula*, é, pois, tipicamente medieval, em todas as dimensões do termo. Como tipicamente medieval é o espaço maravilhoso da aventura que esses lugares proporcionam. De facto, a própria ocorrência súbita da aventura é a marca de uma determinada relação do homem com o mundo. Num universo onde a verdade e o conhecimento pertencem a Deus, a ordem natural das coisas pode, a qualquer momento, ser alterada. Também por isso os intermediários das forças do mal e do bem – encantadores, bruxas (aqui representados particularmente por Arcalaus e Urganda, a Desconhecida) – fazem parte integrante da aventura, já que eles são personagens medievais comuns cujos poderes e prodígios genericamente se aceitam (mesmo se combatidos pela Igreja). Como o são os estranhos animais que povoam os numerosos bestiários da época, que não duvidam da existência de dragões, grifos, ou outros animais ainda mais monstruosos como, por exemplo, o leãotófono ou a mantícora. Neste aspecto, *Amadis*, ainda que ligeiramente mais sóbrio do que os seus textos fundadores, não foge à regra, oferecendo aos seus leitores a figura de Endriago, o monstro que Amadis derrota na Ilha do Diabo, estranha criatura, fruto dos amores incestuosos do gigante Bandaguido com a sua filha (e note-se esta origem incestuosa do monstro, numa narrativa semelhante a algumas outras origens familiares atestadas nos *Livros de Linhagens*), criatura cujo corpo e rosto são cobertos de pêlo e conchas, possuindo ainda asas de couro negro, mãos de águia e dois gigantescos dentes em cada maxilar. Para além de Endriago, a fauna

exótica de *Amadis* oferece-nos ainda vários leões, um dos quais rapta (numa memória clássica) o filho ilícito de Amadis e Oriana e o cria. No que diz respeito aos humanos, a estranheza centra-se no tradicional anão – aqui Analiem, companheiro de Amadis – e nos vários gigantes que o herói defronta e vence (um deles, como vimos, um rei irlandês, justificação, aliás, talvez bastante verosímil para o seu gigantismo). Refira-se ainda uma outra personagem medieval típica, embora pertencendo a uma ordem diferente: o famoso médico, mestre Elisabat, nome de evidentes ressonâncias judaicas.

O mundo das maravilhas, tanto o geográfico como o humano ou animal, do romance de cavalaria corresponde pois, em grande parte, à imagem que o homem medieval tinha do seu próprio mundo, estranho, maravilhoso e apto a todos os prodígios. A ficção sublinha este maravilhoso quotidiano, não sem deixar de conferir ao homem – ao herói – um papel decisivo na condução dos negócios terrenos.

Romance de cavalaria, *Amadis de Gaula* é-o ainda e sobretudo no espírito que preside a estes heróis-cavaleiros, fiéis à sua dama e ao seu suserano. O espaço por excelência destes cavaleiros andantes é claramente a Europa, uma Europa semi-real, como tentei brevemente mostrar, mas essencialmente uma no que diz respeito ao reconhecimento dos mesmos códigos e dos mesmos valores. É esta Europa que Amadis atravessa, em busca de fama, glória e também proveito, como tantos cavaleiros de carne e osso que a História atesta. *Amadis de Gaula* não só nos fornece uma imagem verosímil deste mundo, como, apresentando o seu protagonista como modelo, ajuda à sua consolidação como casa comum. A Europa que hoje conhecemos é, em grande medida, a herdeira directa destas aventuras.